

NOSSA PLAYLIST



ANTOLOGIA LITERÁRIA

Org.

Júlia Barbosa Valim
Mariana Piasecki Beig
Paola Juliani Moscatelli
Sarah Greppi dos Santos



Júlia Barbosa Valim
Mariana Piasecki Beig
Paola Juliani Moscatelli
Sarah Greppi dos Santos
organizadoras

Nossa *playlist*:
antologia literária

1.^a edição

Faculdade de Letras da PUC-Campinas
Campinas, SP • 2026

© **do texto:** Gustavo Souza Santos, Luisa de Carvalho, Luara Gredote, Trixie Campos, Verônica Richtung e Zulmar Lopes, 2026

© **da edição:** Júlia Barbosa Valim, Mariana Piasecki Beig, Paola Juliani Moscatelli e Sarah Greppi dos Santos, 2026

Coordenação editorial: João Paulo Hergesel

Edição: Júlia Barbosa Valim, Mariana Piasecki Beig, Paola Juliani Moscatelli e Sarah Greppi dos Santos

Diagramação e projeto gráfico: Editora Jogo de Palavras

Ilustração de capa: Canva e Pixabay | *Livre para fins pessoais e comerciais*

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

N897

Nossa *playlist*: antologia literária / Organização de Júlia Barbosa Valim, Mariana Piasecki Beig, Paola Juliani Moscatelli, *et al.* – Campinas/SP: Faculdade de Letras da PUC-Campinas, 2026.

Outra organizadora: Sarah Greppi dos Santos.

Autores: Gustavo Souza Santos, Luisa de Carvalho, Luara Gredote, Trixie Campos, Verônica Richtung, Zulmar Lopes.

Livro em PDF

ISBN 978-65-985398-8-7

1. Antologia - Contos, Crônicas, Poesias. 2. Literatura brasileira. I. Valim, Júlia Barbosa (Organizadora). II. Beig, Mariana Piasecki (Organizadora). III. Moscatelli, Paola Juliani (Organizadora). IV. Título.

CDD 869.908

Índice para catálogo sistemático

I. Antologia - Contos, Crônicas, Poesias : Literatura brasileira

Todos os direitos desta edição são reservados ao componente curricular *Projeto Integrador: Práticas Linguísticas Identitárias*, da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade de Campinas (PUC-Campinas).

Prefácio

A música é, muitas vezes, uma representação da nossa identidade. Ela marca fases da vida, molda gostos, muda a forma como enxergamos o mundo. O que a gente escuta diz muito sobre nossa personalidade. No fim, a vida também tem trilha sonora.

Com base nisso, cada autor foi convidado a enviar um conto, poesia ou crônica inspirado por uma música que carregue significado pessoal. Os textos enviados, assim como seus respectivos escritores, nos surpreenderam positivamente com a sua diversidade, explorando diferentes faces da identidade humana, como o amor e a amizade, a alegria e a tristeza, família e traição.

Somos gratas a todos que enviaram seus textos, compartilharam o formulário de inscrição, umas às outras, pelo apoio e trabalho realizado, e a você que está lendo. Assim como para muitas outras pessoas, a música fez e faz parte da nossa vida e cotidiano, causando um impacto emocional e criativo.

Esperamos que, por meio dessa obra, você vivencie conosco essas emoções e conheça novas músicas, ou relembre aquelas que você já conhece.

Essa antologia é composta por nove histórias e seis autores incríveis. De Lagum a Bruno Mars, *Nossa Playlist* conta com uma trilha sonora que, de certo, fará com que você se identifique com suas temáticas – e quem sabe

ressignificar uma música ou trazer uma nova visão a uma que estava no fundo de sua *playlist*?

Para acompanhar a leitura, criamos uma *playlist* no Spotify com as músicas mencionadas em cada narrativa.

[CLIQUE AQUI PARA DAR O PLAY](#) e acompanhe!

As Organizadoras.

Sumário

Um lugar

Gustavo Souza Santos7

O trajeto

Gustavo Souza Santos8

Prelúdio de uma saudade

Zulmar Lopes10

Amiga

Trixie Campos13

Foolish one

Luara Gredote17

A cidade

Luisa de Carvalho18

Matilda

Verônica Richtung21

Falando com a lua

Luara Gredote23

Two People

Luisa de Carvalho.....25

Sobre as autoras e os autores26

Um lugar

Gustavo Souza Santos

Azul de Mahmundi ao fundo,
Uma risada para o tempo.

Na mesa, os copos vazios,
As garrafas desalinhadas.

Aqui dentro, o peito entorna
E a razão desacelera entre espasmos.

A noite é amena.
A casa é pequena.
A presença é a cena.

Conquanto meu desejo é ser matéria de seus sonhos,
substância de suas sinapses,
ruído espesso de sua lembrança.

Portanto, seu sorriso é minha janela
Que se escancara
E ilumina a desilusão que fiz de capa.

Guarde um lugar para mim.
Eu posso entrar?

O trajeto

Gustavo Souza Santos

Entrou no carro sem se ater aos detalhes. Nem o som da porta batida com força tirava seu transe. *Thinkin bout you*, Frank Ocean, radiofônico. No caminho, uma sincronia de luzes neon adicionava camadas ao seu rosto rígido e inexpressivo. Os tons de púrpura, ciano e amarelo caracterizavam o interior do veículo como o ambiente perfeito para que sua imersão se processasse. Ora expressões violentas com olhos que cerravam firmes e hesitavam com uma fixação suave.

— A temperatura está agradável?

A julgar por sua surdez, entendida pelo motorista como mudez a respeitar, nem altas ou baixas temperaturas seriam incômodo perceptível. A velocidade, a hora, o trajeto eram uma amálgama que fazia de um momento moderadamente breve, um lapso temporal agigantado pelo conteúdo escuro que nutria seu interior.

— Chegamos...

O silêncio é rompido com uma vibração. Uma notificação. Uma ruptura espaciotemporal. Um descortinar. De sobressalto, os olhos se abrem mais ao fitar o aparelho sustentado por suas duas mãos. Inspirou rapidamente, expirou aliviada. A fria madrugada começou a atingir suas mãos e pouco a pouco seus braços, levando-

os a se cruzarem numa tentativa de produzir calor, dissipando o transe.

A cabeça erguida, os olhos atentos e a mão à bolsa em busca das chaves. O conteúdo escuro que nutriu seu interior por 20 minutos tornava-se matéria de resignação.

23/03/2016 • 2:36

Eu nunca quis isso. Espero que compreenda.

É tudo o que tenho a dizer.

Prelúdio de uma saudade

Zulmar Lopes

Foi no Beco das Garrafas que eu a conheci. O piano do Luis Carlos Vinhas comboiava a doce voz de Sylvia Telles quando, logo na entrada da *Ma Griffe*, uma garrafa vinda do alto de um edifício explodiu em minha cabeça. Os treze pontos na testa foram até abençoados pois, graças a eles e à curta paciência do pai de Eulália com a nova bossa musical que o beco irradiava, eu encontrei a mulher da minha vida. Redondos olhos negros, cabelos de mel e pele tostada pelo sol de Copacabana. Eulália. Dava letra de música.

É claro que eu nem dei queixa na polícia. Como fazer isso se a garrafada certa do meu futuro sogro me deixou frente a frente com aquela formosura de pequena? Meu sogro de princípio deu do contra: “Onde já se viu? Namorar um boêmio?”. Tranquilizou-se um pouco quando descobriu meu *status* de colunista famoso da “Última Hora”. Mesmo tendo certa ojeriza pelos membros da imprensa, seu Peçanha viu que por Eulália eu havia posto de lado as noitadas e os excessos. Acabou por aceitar o nosso namoro.

Namoro de moça de família, de pegar na mão como maior ousadia. O pessoal do jornal até estranhou e os camaradas do Beco das Garrafas deram por minha falta, mas meu sentimento por Eulália era paixão, das boas.

Casamos na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana. Ela de véu, grinalda e flor de laranjeira, como rezava a tradicional família carioca. Fomos morar nesse apartamento na rua Rainha Elizabeth, até hoje nosso lar, e onde no momento ouço o violão de João Gilberto sair do aparelho de CD, invadindo os cômodos, dedilhando *Chega de Saudade*. Nosso casamento tinha tudo para ser tranquilo, mas a droga da boêmia falou mais alto. Em pouco tempo lá estava eu de volta às noitadas, às boates, às mulheres soltas por esta Copacabana que eu tanto amo.

Eulália aguentou tudo espartanamente. Criou nossos filhos, suportou meus porres, a falta de dinheiro, os sumiços no carnaval. Mulher de verdade.

Porém, tudo deve mesmo ter um limite, pois Eulália estrilou em ódio quando descobriu o meu moleque, já com cinco anos, resultado com o meu rabicho com uma guria lá dos pampas, trinta anos mais jovem, largada em Copa e que fazia ponto num inferninho chinfrim na Avenida Princesa Isabel. Não agüentei a barra pesada da situação e meu coração apitou, avisando do infarto.

Uns dias no CTI e agora me recupero aqui em casa. Minha esposa encontrou como forma de punir-me pelas minhas travessuras de homem na terceira idade o ultimato mais dolorido que a dor dos enfartados. “Vou cuidar de você até o doutor lhe dar alta. Depois, o divórcio”, diz ela todo dia, mal despertamos. Assim, deitado nessa cama, vivo um dilema: permaneço doente ou morro de uma vez? Sem Eulália não posso viver. A cura significa o abandono.

Mal penso no restabelecimento das minhas forças e já vem um prelúdio de saudade, um sofrimento de véspera. Lá na sala, João Gilberto castiga meus ouvidos com os versos: *“Não quero mais esse negócio de você longe de mim”*, acirrando a angústia. Não, Eulália! Não te quero longe de mim...

Amiga

Trixie Campos

A cafeteria está lotada, o que é compreensível. Sábado à tarde, todo mundo procura um lugar para ir, para distrair, para encontrar amigos, familiares, amores.

Eu vim sozinha, às vezes gosto da solidão, de observar as pessoas ao meu redor sem me preocupar em responder alguém. Olhar o movimento, as expressões, as risadas, as testas franzidas, a animação, a tristeza... acho incrível o quanto isso me fascina.

Estou sentada mais para o fundo, longe dos olhares, em uma mesinha na parede, com meu chocolate quente e meu pão de queijo, lendo um livro, até que está bom, mas o universo está um pouco difícil de entender.

Dou mais uma olhada em volta, o cheiro do café me consumindo. Mas meu olhar para na fila enorme, em uma pessoa específica, e meu coração acelera, um instinto enorme de fugir me assombra.

Fazia tempos que eu não a via, e juro por Deus que eu não pensava nela há séculos. Mas, mesmo assim, tudo volta. Uma época quando tudo estava diferente, eu estava diferente.

Nos conhecemos na escola, até que você foi bem legal no começo, me senti bem com sua presença, mas isso foi mudando, ou talvez você só tenha se revelado. Alguns olhares tortos, risos falsos, indiretinhas bestas, algumas

grosserias. Me incomodava, ainda assim, eu sempre dava um jeito de explicar. “Era o jeito dela”, eu pensava. Talvez ela só estivesse num dia ruim. Talvez não tivesse querido dizer aquilo. E, de tanto repetir essas justificativas, foi ficando cada vez mais fácil acreditar nelas.

Com o tempo, comecei a me ajustar sem perceber. Passei a pensar antes de falar, a ensaiar respostas na cabeça, a escolher com cuidado quais partes de mim mostrar. Aprendi quais assuntos evitar e quais versões de mim eram mais fáceis de aceitar. Eu ria quando não achava graça, concordava quando não queria, engolia coisas que, antes, teria dito sem hesitar. E, aos poucos, quase sem notar, fui desaparecendo dentro da minha própria vida.

Fui eu quem torceu mais alto por você quando você ganhou seus troféus, mas na minha vez, eram só piadinhas de que nem era tudo isso. Simplesmente não consigo acreditar que você não sabia o que estava sentindo, ou talvez soubesse, mas ignorava. E eu odiava esse seu jeito, e odiava mais ainda que eu me importava. Mas não podia falar que era novidade, porque, bem, *eu sabia, eu te conhecia*.

Mas teve uma hora que não aguentei mais, depois disso, tudo começou a fazer sentido de um jeito que eu não queria que fizesse. Os comentários, os silêncios, as ausências, nada era por acaso. E o pior de tudo foi perceber o que eu tinha feito comigo mesma. Eu já não sabia mais quem eu era sem medir cada palavra, sem tentar prever cada reação sua.

E tudo o que eu sempre fiz foi te considerar. Até que percebi que tudo o que eu podia fazer era considerar eu mesma.

Não foi fácil. Não teve um momento de coragem repentina. Mas, aos poucos, eu fui mudando. Comecei a responder quando algo me machucava, parei de fingir que certas coisas não importavam, deixei de me encaixar onde eu claramente não cabia.

E foi aí que você mudou também.

De repente, eu já não era mais suficiente, ou talvez eu nunca tenha sido. Vieram as indiretas, as histórias mal contadas, a forma como você passou a andar com pessoas que antes a gente nem suportava, você não teve problema em ir embora. E, mesmo assim, eu ainda me perguntei se a culpa era minha.

Mas os anos se passaram, e eu não te vi mais, procurei ajuda e, com o tempo, comecei a me curar, a entender a mim mesma e a abraçar aquela versão de mim que não entendia. Me encontrei de volta. Li muitos livros para esquecer, e ouvi muitas músicas para desassociar, principalmente *Friend*, da Gracie Abrams.

Agora, vendo-a aqui, não sinto mais raiva, apenas um pouco de decepção, tenho certeza que ela está bem, mas não quero saber, não vou mergulhar novamente nisso.

O olhar dela encontrou o meu, e ficou tão surpresa quanto eu. Mas sua expressão se fechou, brava, como se esperasse que eu fosse falar com ela, como se até esperasse

que eu me desculpasse por mudar. Mas não posso fingir que sinto muito, quando não sinto.

Como você pôde pensar que, depois de tudo, eu seria sua *amiga*?

Foolish one

Luara Gredote

“Ele só não era a pessoa certa”, eu repetia com Taylor Swift no fone. Mas eu tinha que admitir que concordava mais com a parte que ela me chamava de tonta.

Fazia uma semana que agosto tinha terminado, e eu ainda repassava todos os acontecimentos que me levaram até aquele verão cruel. Deitada na minha cama, com fones de ouvido e lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Nunca antes tinha me identificado tanto com uma música quanto eu me identificava com aquela.

Não foi uma linda e triste tragédia. O ponto final me surpreendeu, como o início do nosso parágrafo surpreendeu a todos. E agora onde antes tinha a nossa história, tinha um espaço em branco.

Me perguntaram se eu estava preparada para aquilo, mas como eu poderia estar? Meu amor era tão delicado. Porque mesmo que eu soubesse que você era um problema, eu achei que você pertencia a mim. Mas eu estava errada, e nós não voltaremos a ficar juntos e você nunca será meu.

Mas esse era meu destino de Ofélia, e agora eu vou ter que continuar, mesmo que com o coração partido. Me lembrar que meu dia de receber cartas de amor vai chegar, e que ele só não era o cara certo. E que definitivamente tenho que parar de ouvir nossa música.

A cidade

Luisa de Carvalho

É madrugada. Na Praça da Liberdade, as ruas estão em silêncio, as luzes dos postes são a única iluminação que temos. Gostaria de parar o tempo e viver nessa cena para sempre, te observar mais um pouco andando por esses tons de verde, rosa e amarelo, brilhando mais do que as estrelas. Por onde você andava todos esses anos? Gostaria de ter te conhecido antes, mas agora estamos juntos, conheço sua risada ao longe, seus comentários sarcásticos e seu humor contagiante. A ideia de vir aqui hoje foi sua, disse para eu te encontrar aqui para observarmos as estrelas e contemplar a beleza desse lugar que você visitou a vida inteira. Não demorou para eu te reconhecer ao longe, os cabelos negros voando por causa do vento, as roupas largas e o mesmo All-star amarelo e gasto.

Não estamos conversando na mesma intensidade de sempre, será que fiz algo de errado, será que te magoei? Seu olhar está distante, a cabeça nas nuvens, como se estivesse querendo adiar o máximo possível algum tipo de sofrimento... queria poder ler a sua mente.

“Eu vou me mudar.”

E assim tudo mudou de repente. Como 4 palavras podem ferir tanto alguém? Olhei em seus olhos, pretos como o céu da noite, brilhantes, esperando que isso fosse alguma brincadeira. Mas você estava séria, me olhando fixamente, esperando minha reação, mas não consegui falar, apenas tentar processar. Na

verdade, não queria dizer nada, apenas ficar em silêncio pelo resto da noite, as palavras certas não viriam, não hoje, quem sabe amanhã, ou depois...

“Venha, vamos caminhar”

Você estendeu sua mão, como um último pedido, uma última dança, uma última vez, talvez uma promessa de que tudo ficaria bem. Mas não ficaria, e nós dois sabíamos muito bem disso. Mesmo assim aceitei, e te deixei me guiar em meio às árvores e o escuro da noite, desejando que ela nunca acabasse.

Agora estou aqui, no mesmo local, um ano depois, sentado em um banco, sozinho, no mesmo horário que nos encontramos naquela noite. Não temos mais contato, quando foi que paramos de nos falar? Talvez há seis meses, ou sete. As mensagens ficaram curtas, as novidades não pareceram tão importantes de se compartilhar, o sentimento esfriou. Mas por que mesmo tão longe, ainda te sinto por perto? A loja de música onde íamos sempre para ver os instrumentos ainda funciona. A cafeteria onde você ia ainda faz sua bebida predileta, os bares que frequentava ainda estão cheios de gente. Ainda te vejo nesses lugares, mas parece que, mesmo iguais, não tem o mesmo clima, você levou a magia e graça deles.

Me levanto e sigo o caminho para casa, não tem mais motivo para vir aqui de madrugada. Tudo está diferente. Eu estou diferente.

Aumento a música no fone e sigo em frente. Uma música do Lagum me assombra, mas não consigo tirá-la da playlist:

*“A cidade sem você não é igual
E eu também”.*

Matilda

Verônica Richtigung

Eu pedalava com força pelas ruas da cidade, cortando os carros e acelerando em direção à casa.

A velocidade tão alta que era como se eu fosse levantar voo a qualquer momento.

Ainda agia como se estivesse tudo bem. Mas, hoje, percebo que a depressão já me consumia há meses. Uma escuridão gigante se espalhava pelo meu interior, como se estivesse me devorando, tomando tudo que via pela frente.

Mas como aceitar? Como explicar a realidade daquela época? Como aceitar que, de onde eu vinha, não existia amor? Que eu havia tentado me encaixar em todos os moldes que me colocaram, mas nunca consegui caber? Que nada nunca foi o suficiente?

Ceguei no meu destino, a casa da primeira pessoa a me ensinar o significado do amor. Assim que entrei, fui envolvida por seus braços, sua amizade e seu carinho. A casa estava cheia de outros amigos, que me acolheram e fizeram rir.

Quando me dei conta, a escuridão havia se dissipado. Não completamente, mas o suficiente para permitir que meus pulmões se enchessem de ar novamente. E reconheci todo esse carinho como um poder sobrenatural que ilumina até os dias mais sombrios.

Foi naquele momento que finalmente entendi: poderia deixar tudo aquilo para trás. Poderia ir embora, para onde quisesse, e encontrar pertencimento em lugares e pessoas que se tornariam, de fato, **família**.

Hoje em dia, pedalo com leveza e liberdade.

Chego em casa, esquento um chá e como com torradas na companhia de Alfredo, o gatinho que me adotou. Rodeada pelos pôsteres das bandas que amava na infância e pelas roupas que escolhi com tanto amor, a paz finalmente me preenche.

Agora, sei que existem coisas muito além da minha compreensão. Mas não preciso sentir culpa por nenhuma delas.

Apenas seguir em frente e me agarrar àquele poder, que me preenche com amor.

Falando com a lua

Luara Gredote

De tanto que eu falei de você, a lua já deve até ter decorado seu nome, sobrenome e endereço. Me sinto como o Bruno Mars, e finalmente entendi o que ele queria dizer naquela música *Talking to the Moon*. Ainda tento chegar em você através dela.

Pode até parecer besteira, pode até me chamar de idiota, mas uma parte de mim sente certo conforto em pensar que de onde quer que você esteja, ainda consegue a ver.

E eu tenho quase certeza de que quando você vê aquele satélite tão grande, você não lembra de mim, não lembra das vezes que eu o apontei e te disse que “a lua estava tão linda naquela noite”. Você nunca entendeu que o que eu queria mesmo falar é que eu te amava. Mas tudo bem, porque na minha cabeça, as estrelas me respondiam que sim.

Mas sabe, a lua está tão bonita hoje, queria que você estivesse aqui para vê-la também, para eu poder te dizer o quanto eu te... O quanto eu acho a lua bonita... No lugar eu digo pra lua, falo com ela sobre minhas noites em claro, falo pra ela que ela é minha única companhia. A única que me ouve e me ilumina.

Não sei por onde você anda, mas continuam a me perguntar e eu continuo mentindo ao invés de dizer que

também queria saber. Na verdade, isso também é mentira, como todas minhas poesias.

Não queria saber onde você está. Só queria que você estivesse aqui. No lugar disso eu falo com a lua sobre você, esperando que você esteja falando com ela sobre mim.

Não queria que isso tivesse um fim.

Two People

Luisa de Carvalho

Olho para ele, deveria falar alguma coisa, mas não consigo, estou atordoada, presa em meus próprios pensamentos. Nem ouço direito o barulho das pessoas ao meu redor nesse restaurante, o nosso restaurante.

Por que você está falando tão devagar, por que está agindo como se não me conhecesse? Como se eu fosse uma estranha?

Mas acho que já percebi, percebi que acabou. Sou boa em reconhecer isso.

Não sei como começou. Nunca tivemos brigas feias, ou muitas discussões, mas a conexão raramente existia, como nos enfiamos nisso?

Você conhece cada uma das minhas fraquezas, cada parte do meu corpo, e odeio como apenas forçamos algo para depois nos afastar.

Odeio como tentamos, mas não dá certo.

Odeio mais ainda que eu te amo, e sei que você também me ama.

Como vamos dar sentido a essa meia década?
Como vamos seguir em frente?

Como deixamos isso acontecer?

Mas acho que nada disso importa agora, porque, de uma hora para outra, duas pessoas podem mudar, e não há nada que possamos fazer.

Sobre as autoras e os autores

Gustavo Souza Santos é publicitário, antropólogo, professor e pesquisador da área de Comunicação, Cultura e Estudos Urbanos. É doutor em Desenvolvimento Social (Unimontes) e é doutorando em Comunicação Social (UFMG). É professor da Afya Montes Claros e pesquisador do Núcleo Citadino (Unimontes) e do Escutas (UFMG).

Luisa de Carvalho tem 21 anos, é estudante de Letras e revisora literária. É musicista, ama ler, estudar línguas e sempre está ouvindo música, independentemente do lugar.

Luara Gredote tem 24 anos, mora na cidade de São Paulo, está no terceiro semestre de jornalismo na USP e é estagiária no jornal da faculdade. Seu gosto musical varia de Taylor Swift à rock clássico, na lista de coisas que ela gosta também estão incluídos livros de romance, gatos e hortênsias.

Trixie Campos tem 17 anos, nasceu em São Paulo e mora no Rio de Janeiro. É estudante do terceiro ano do ensino médio e líder do projeto de leitura da escola, escreve desde criança e sonha em publicar seus livros. Atua em peças de teatro e deseja cursar Artes Cênicas.

Verônica Richtigung tem 26 anos, é formada em Letras e tradutora *freelancer*. Suas paixões incluem literatura (obviamente) *boybands* que já acabaram há muitos anos e viajar.

Zulmar Lopes é carioca, jornalista, escritor e roteirista. Tem contos publicados em várias antologias e é premiado em diversos concursos literários, com destaque para o Prêmio Escriba na categoria conto em 2013. Roteirista do curta de animação *Chapeuzinho Adolescente*, lançado em 2010. Em 2011 lançou o livro de contos *O Cheiro da Carne Queimada* e, mais recentemente, publicou seu primeiro romance, *O Evangelho de Momo*, pela Telucazu Edições.

Sobre as organizadoras

Júlia Barbosa Valim, Paola Juliani Moscatelli e Sarah Greppi dos Santos são estudantes do Bacharelado em Letras: Português/Inglês pela Pontifícia Universidade de Campinas (PUC-Campinas). **Mariana Piasecki Beig** é estudante da Licenciatura. Organizaram esta antologia como atividade para o componente curricular *Projeto Integrador: Práticas Linguísticas Identitárias*.

Livro confeccionado no componente curricular *Projeto Integrador:
Práticas Linguísticas Identitárias*, da Faculdade em Letras da Pontifícia
Universidade de Campinas, publicado em maio de 2026.

Você é o tipo de pessoa que não vive sem seu fone de ouvido? Que sempre tem uma trilha sonora te acompanhando ao longo do dia? Então deixamos um convite para ler a antologia *Nossa Playlist!*

De Lagum a Bruno Mars, a antologia conta com uma trilha sonora que dê certo fará com que você se identifique com suas temáticas – e quem sabe ressignificar uma música ou trazer uma nova visão a uma que estava no fundo de sua *playlist*?

Convidamos o leitor a revisitar músicas que são velhas conhecidas e lhe apresentar novas trilhas. Quem sabe você não encontra um novo artista, ou uma música que logo vira a queridinha da sua *playlist*!

Aqui você vai vivenciar as mais diversas emoções, podendo ir de corações partidos a famílias que encontramos pelo caminho. Além disso, você encontrará nossa *playlist* oficial com todas as músicas que inspiraram e originaram as obras aqui presentes!

Quer saber mais? Pegue seu fone de ouvido, abra o Spotify – ou seu aplicativo de streaming de música favorito – e deixe a música acompanhar sua leitura!

Nossa Playlist

Antologia Literária



00:23

03:12



ISBN | 978-659853988-7



9 786598 539887